



Revista
Educar Mais

Ensino remoto emergencial sob a perspectiva de estudantes do Ensino Superior

Emergency remote teaching from the perspective of Higher Education students

La enseñanza remota de emergencia desde la perspectiva de los estudiantes de Educación Superior

Danielle Gonzaga da Silva¹  ; Luciana de Lima² 

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi descrever as principais dificuldades identificadas por estudantes do Ensino Superior de instituições públicas e privadas de Fortaleza - Ceará durante o período de atividades remotas. A problemática que impulsionou a pesquisa está relacionada ao Ensino Remoto e seus efeitos sob a perspectiva dos estudantes, evidenciando as possíveis lacunas identificadas e os principais responsáveis pela sua reparação. A pesquisa se caracterizou como quantitativa descritiva pautada em levantamento, realizada com trinta e três discentes de faculdades e universidades públicas e privadas com matrícula ativa durante o período de realização das atividades acadêmicas remotas nos anos de 2020 e 2021. A pesquisa foi dividida em três fases: planejamento, coleta e análise de dados constataram-se que a escassez de recursos, de orientação pedagógica por parte da instituição de ensino, fatores psicológicos e a limitação ou escassez de recursos financeiros de apoio à permanência estudantil, além de outros fatores, afetaram significativamente o processo de aprendizagem durante esse período.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial; COVID-19; experiência estudantil.

ABSTRACT

The objective of the research was to describe the main difficulties identified by higher education students from public and private institutions in Fortaleza - Ceará during the period of remote activities. The problem that drove the research is related to Remote Teaching and its effects from the students' perspective, highlighting the possible gaps identified and the main responsible for their repair. The research was characterized as descriptive quantitative based on a survey, carried out with thirty-three students from public and private colleges and universities with active enrollment during the period of remote academic activities in the years 2020 and 2021. The research was divided into three phases: planning, collection and analysis of data. It was found that the scarcity of resources, pedagogical guidance by the educational institution, psychological factors and the limitation or scarcity of financial resources to support student permanence, in addition to other factors, affected significantly enhance the learning process during this period.

Keywords: Emergency Remote Teaching; COVID-19; student experience.

RESUMEN

El objetivo de la investigación fue describir las principales dificultades identificadas por estudiantes de enseñanza superior de instituciones públicas y privadas de Fortaleza - Ceará durante el período de actividades

¹ Graduada em Pedagogia, Especialista em Tecnologias Aplicadas a Educação e Mestranda em Ensino de Ciências e Matemática no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Fortaleza/CE - Brasil. E-mail: daniellegonzaga9@gmail.com

² Doutora em Educação e Professora da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE - Brasil. E-mail: tecnodocencia.lab@gmail.com

a distancia. El problema que impulsó la investigación está relacionado con la Enseñanza a Distancia y sus efectos desde la perspectiva de los estudiantes, destacando los posibles vacíos identificados y los principales responsables de su reparación. La investigación se caracterizó como descriptiva cuantitativa a partir de una encuesta, realizada a treinta y tres estudiantes de colegios y universidades públicas y privadas con matrícula activa durante el periodo de actividades académicas a distancia en los años 2020 y 2021. La investigación se dividió en tres fases: planificación, recolección y análisis de datos. Se encontró que la escasez de recursos, la orientación pedagógica por parte de la institución educativa, los factores psicológicos y la limitación o escasez de recursos económicos para apoyar la permanencia de los estudiantes, entre otros factores, incidieron significativamente en mejorar la proceso de aprendizaje durante este período.

Palabras clave: Enseñanza remota de emergencia; COVID-19; experiencia del estudiante.

1. INTRODUÇÃO

O Ensino Remoto Emergencial, instaurado como alternativa no período de afastamento social como medida preventiva ao contágio da COVID-19, trouxe impactos significativos na rotina de estudantes do Brasil e do mundo.

No Ensino Superior, foco da presente pesquisa, não foi diferente. Documentos como a Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020 que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública, apresentam como alternativa para esse segmento o desenvolvimento de “atividades pedagógicas não presenciais vinculadas aos conteúdos curriculares de cada curso, por meio do uso de tecnologias da informação e comunicação, para fins de integralização da respectiva carga horária exigida” (BRASIL, 2020a, p.2).

No entanto, apesar de estarem imersos em uma cultura digital e possuírem maior autonomia em seus estudos, é possível que jovens e adultos sejam impactados por uma dinâmica de aulas que se distancia daquilo que foi planejado para sua vida acadêmica.

Segundo Gundim *et al.* (2021, p. 10), com base em seus estudos a partir de revisão integrativa de literatura, os universitários apresentam sofrimento psíquico nesse período, apresentando-se:

na forma de estresse, sentimento de incapacidade frente ao isolamento, incômodo com a situação de constante vigília, preocupação com os cuidados preventivos, medo de perder parentes e amigos, preocupação com a situação econômica do país, sinais de ansiedade e depressão, além de dores de cabeça, irritação, autoisolamento, perda da vontade de realizar atividades, angústia e até distúrbios alimentares.

Nesse sentido, Osti, Júnior e Almeida (2021) apresentam como resultados de suas pesquisas com 1.452 estudantes brasileiros da graduação, ao serem questionados sobre as principais dificuldades ao seguir com as aulas remotas, elementos como: falta de saúde física e mental para passar longos períodos em frente a uma tela, dificuldade em manter contato com colegas de turma, conflito com outras atividades domésticas, entre outros fatores, afetam diretamente o seu engajamento e disposição para o acompanhamento das atividades propostas durante o período pandêmico.

Diante desse cenário, pergunta-se: quais são as principais dificuldades identificadas por estudantes do Ensino Superior de instituições públicas e privadas de Fortaleza - Ceará durante o período de atividades remotas?

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo descrever as principais dificuldades identificadas por estudantes do Ensino Superior de instituições públicas e privadas de Fortaleza - Ceará durante o período de atividades remotas.

A metodologia da pesquisa é caracterizada como quantitativa descritiva pautada em levantamento, realizada com discentes de faculdades e universidades públicas e privadas com matrícula ativa durante o período de realização das atividades acadêmicas remotas nos anos de 2020 e 2021.

2. ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: O QUE MUDA?

Com a necessidade de realização de atividades não presenciais e que se beneficiassem do potencial das tecnologias digitais para dar continuidade ao elo entre escola-aluno e compartilhamento dos conteúdos escolares, confundiram-se as atividades remotas realizadas em contexto pandêmico com a Educação a Distância (EaD).

Segundo Joye, Moreira e Rocha (2020), o Ensino Remoto Emergencial, pelas circunstâncias em que foi implementado, não apresenta mudanças significativas em sua estrutura, ou seja, seu objetivo não é recriar um novo modelo educacional, mas suprir uma demanda temporária e diminuir o impacto que a pandemia pode gerar/gerou na vida escolar/acadêmica de crianças, adolescentes e adultos. Portanto, segundo as autoras, essa dinâmica seria similar ao contexto presencial, tratando-se de uma transposição das aulas "tradicionais" ou espaço virtual.

Na EaD todos os conteúdos são pensados por uma equipe multidisciplinar, especialista em Ambientes Virtuais de Aprendizagem, gerando um ambiente favorável a trocas de conhecimentos, canal para esclarecimento de dúvidas e espaço para envio de materiais de apoio e realização de aulas síncronas, enquanto no Ensino Remoto Emergencial, professores e gestores precisaram pensar em soluções educacionais rápidas para a realização de todas essas atividades, impossibilitando a instauração de uma estrutura bem definida, característica própria da EaD (JOYE; MOREIRA; ROCHA, 2020).

Ainda segundo as autoras supracitadas, existe uma diferença significativa no perfil do aluno. Na EaD o estudante possui uma motivação para a escolha se seguir com seus estudos de forma *on-line*, o que não ocorre no ensino remoto.

Na EaD, o aluno tem um perfil andragógico, ou seja, é um adulto que possui uma motivação específica para estudar *on-line* e tem um perfil, a priori, autônomo. Já na educação remota, o perfil do aluno é diferente, uma vez que esse é motivado a estudar remotamente em situações emergenciais, tais como conflitos bélicos, calamidades, pandemias, ou pessoas em trânsito ou com necessidades educativas especiais que não podem estar no ensino presencial de modo convencional (JOYE; MOREIRA; ROCHA, 2020, p.14).

Considerando-se esses fatores e tomando-se como base os estudos de Pereira, Fraga e Gouveia (2021), uma consequência direta da suspensão das atividades remotas em contexto de calamidade pública poderia gerar a ampliação da desigualdade no processo de aprendizagem e o aumento na vulnerabilidade dos estudantes por circunstâncias pessoais, sociais e econômicas. Nesse sentido, faz-se necessário compreender quais políticas públicas foram implementadas durante esse período para a diminuição dos impactos negativos ocasionados.

3. POLÍTICAS PÚBLICAS IMPLEMENTADAS PARA A DIMINUIÇÃO DA DESIGUALDADE DURANTE AS ATIVIDADES ACADÊMICAS REMOTAS

São diversos os fatores que podem vir a acentuar as desigualdades sociais durante esse período, portanto, criar programas que possam amenizar a exclusão de estudantes torna-se essencial para a garantia de uma educação universal.

Iniciativas como Projeto de Lei nº 3466, de 2020 que visa a criação do Programa Bolsa Internet, destinado à subvenção econômica nos serviços de conexão à internet para beneficiários do Bolsa Família ainda estão em tramitação, não preenchendo a lacuna estrutural identificada por alunos de todo o Brasil.

Segundo Ribeiro *et al.* (2020, p.7):

No âmbito governamental, em que pese a existência de vários projetos de inclusão digital executados e apoiados pelo governo, nenhuma política pública emergencial de alcance nacional, relacionada ao acesso às tecnologias digitais para ensino remoto, fora criada, a fim de minimizar os prejuízos dos alunos menos favorecidos economicamente durante a pandemia.

Além disso, iniciativas como o auxílio emergencial, iniciado em abril de 2020 e encerrado em 2021, foram ofertadas como renda mínima aos brasileiros em situação de vulnerabilidade durante a pandemia do Covid-19. No entanto, o programa exclui universitários que possuam qualquer atividade remunerada dentro da universidade em que estão vinculados. Segundo o portal do Ministério da Cidadania (2021, sem paginação), o beneficiário precisa:

Não ser estagiário, residente médico ou residente multiprofissional, beneficiário de bolsa de estudo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, do Programa Permanência do Ministério da Educação – MEC, de bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ e de outras bolsas de estudo concedidas em nível municipal, estadual ou federal.

No que se refere a ações desenvolvidas pelas próprias instituições de Ensino Superior, programas como auxílio-inclusão digital, lançado pela Universidade Federal do Ceará, disponibilizam ajuda financeira para que alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica possam adquirir equipamentos (computador ou tablet) de acesso à Internet. No entanto, apesar de facilitar a aquisição de equipamentos digitais, o programa possui vagas limitadas e um montante que não contempla 100% do valor de mercado de notebooks ou computadores, não custeando totalmente a aquisição do equipamento.

E para além da escassez de recursos financeiros e da necessidade de políticas públicas que favoreçam uma boa estrutura para acompanhamento das aulas nesse contexto, é necessário também pensar em ações de orientação pedagógica, acolhimento psicológico, dentre outros.

Apesar da escassez de dados que possam ilustrar com precisão os impactos que a ausência ou limitação de políticas públicas podem acarretar no processo de aprendizagem, em decorrência de um ineditismo e curto período de implementação do ensino remoto, acredita-se que sua falta pode acentuar possíveis desigualdades sociais e gerar disparidade na geração de um ambiente favorável ao processo de aprendizagem.

Pensando nisso, investigou-se as principais dificuldades e demandas levantadas por estudantes do Ensino Superior durante esse período.

4. Metodologia

Para a concretização dos objetivos da pesquisa, realizou-se uma investigação pautada em elementos da pesquisa quantitativa, descritiva e de levantamento. A pesquisa possui viés quantitativo pela necessidade de expressar valores numéricos e dados concretos sobre as dificuldades e principais entraves enfrentados por discentes do Ensino Superior durante o período de atividades remotas. Por ser caracterizado como um cenário novo e desconhecido, emerge a necessidade de quantificar esses dados e torná-los públicos, destacando assim as possíveis lacunas deixadas durante esse período.

Outro fator a ser considerado nesse processo de escolha envolve a questão a ser respondida. O presente estudo não possui pretensão de controlar variáveis, e sim, responder questões como "o que está acontecendo" ou "como e porque isso está acontecendo?" (FREITAS *et al.*, 2000). Os dados coletados precisam ainda ser lidos em conjunto e não isoladamente, sem contexto. Nesse sentido, optou-se por apresentar elementos da pesquisa descritiva para tornar as informações coletadas mais palpáveis, possibilitando uma leitura mais fluida e, conseqüentemente, gerar mais reflexões e debates acerca da temática abordada.

Além disso, a pesquisa apresenta um corte transversal, representando uma coleta de dados realizada em um único momento, com objetivo de descrever os relatos dos sujeitos da pesquisa dentro desse recorte temporal (FREITAS *et al.*, 2000).

São apresentados os resultados da pesquisa realizada com trinta e três (33) estudantes matriculados em cursos de Ensino Superior nos anos de 2020 e 2021, período de execução de atividades remotas. A coleta de dados foi realizada nos meses de outubro e novembro de 2021 através de um formulário elaborado na plataforma *Google Forms*.

A amostra pode ser configurada como não probabilística obtida a partir do critério de conveniência. O convite para a pesquisa foi realizado através das Redes Sociais *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*, onde o *link* do formulário elaborado via *Google Forms* foi disponibilizado. Considerou-se para a análise de dados, todas as respostas obtidas dentro do período estipulado para coleta.

A pesquisa está dividida em três fases: planejamento, coleta e análise de dados. Na etapa de planejamento, foi desenvolvido o projeto da pesquisa e a preparação do instrumento de coleta de dados (formulário).

Na etapa seguinte, foram coletados relatos de 33 estudantes vinculados ao Ensino Superior no período de realização de atividades acadêmicas de forma remota em decorrência da pandemia de COVID-19. O formulário conta com 20 perguntas, dentre elas 7 com respostas livres e abertas:

- Idade;
- Gênero;
- Curso;

- Você se sente confortável com o retorno das atividades presenciais? Justifique sua resposta;
- Você identificou algum ponto positivo nessa dinâmica de aulas? Qual?
- Quais os maiores entraves que você identificou nessa dinâmica de aulas? Justifique;
- Você usufruiu de alguma política pública de apoio a atividades remotas? Qual?

As outras 13 perguntas apresentaram respostas fechadas para assinalar:

- Você estuda em uma faculdade/universidade pública ou privada?
- Tipo de curso; Durante a pandemia você...;
- A Instituição de Ensino Superior em que está vinculado(a) ofereceu orientações de como montar um plano de estudos durante esse período?
- De que forma ocorreu essa orientação?
- Existia um canal para tirar dúvidas com professores ou coordenação do curso?
- Caso tenha marcado sim, quais foram os canais utilizados?
- Quais as principais dificuldades que você encontrou durante as aulas remotas em contexto pandêmico?
- Você conseguiu cursar todas as disciplinas planejadas para o período?
- Você precisou "trancar" alguma disciplina nesse período?
- Você reprovou alguma disciplina nesse período?
- Suas disciplinas foram ofertadas de forma...;
- Você possui algum colega que precisou trancar ou abandonar o curso durante esse período?

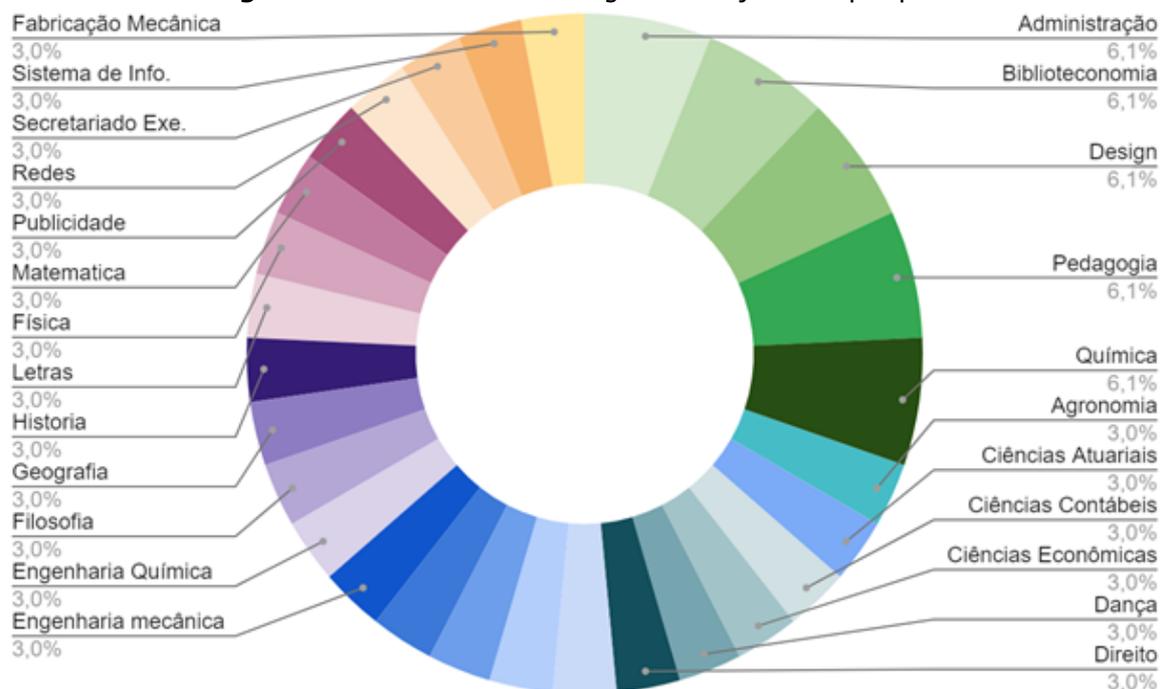
A terceira etapa, a de análise de dados, foi pautada em elementos da estatística descritiva: cálculo das frequências absolutas e relativas das variáveis de forma comparativa. Foram definidas sete variáveis nominais, ou seja, os elementos foram agrupados em classes e categorias (LEVIN; FOX; FORDE, 2012). São elas: canal de comunicação com a instituição de Ensino Superior, principais dificuldades, retorno presencial, pontos positivos e negativos do Ensino Remoto Emergencial, "trancamento" ou evasão; políticas públicas de apoio. A organização dos dados e os cálculos foram realizados a partir do uso de planilha eletrônica.

5. Resultados

No que se refere à faixa etária dos participantes da pesquisa, 78,8% estão entre 21 e 29 anos de idade, 12,1% estão entre 18 e 20 anos de idade e 9,1% estão entre 30 e 35 anos de idade. Desse universo, 51,5% dos participantes identificam-se com o gênero masculino e 48,5% com o gênero feminino.

No que diz respeito ao curso de origem, houve uma grande diversidade de respostas (Figura 1), caracterizando uma amplitude da amostra dentro do Universo vinculado às Instituições de Ensino Superior.

Figura 1 - Lista de cursos de origem dos sujeitos da pesquisa.

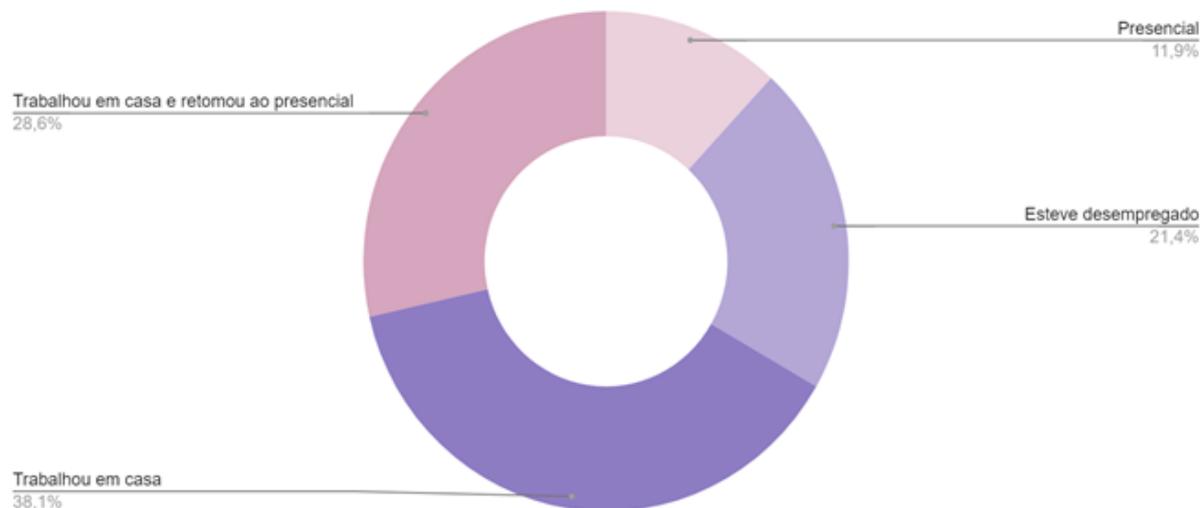


Fonte: Própria (2021).

Quando questionados sobre a modalidade de seus cursos de Ensino Superior, 66,7% dos sujeitos da pesquisa apontam estarem matriculados em cursos de Bacharelado, 27,3% em Licenciatura, 3% em Especialização e 3% em curso Tecnólogo.

Quando questionados sobre sua atuação profissional durante a pandemia de COVID-19 (Figura 2), os respondentes afirmaram trabalhar em casa (38,1%) e retornaram ao presencial após o *lockdown* (28,6%). Além disso, parte dos sujeitos da pesquisa estiveram desempregados (21,4%) ou trabalharam de forma presencial durante todo o período (11,9%).

Figura 2 - Atuação profissional.

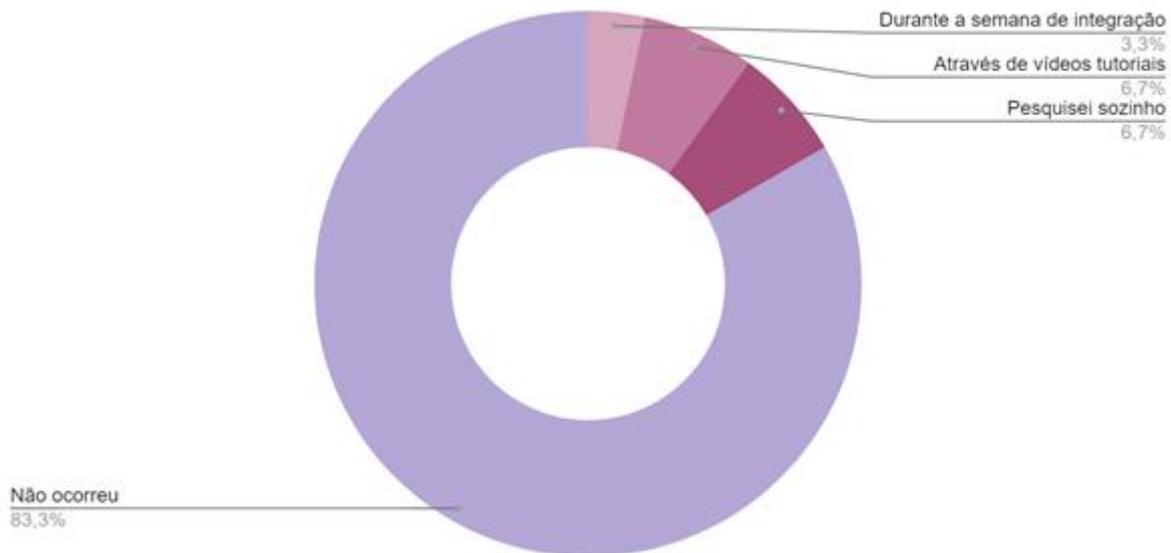


Fonte: Própria (2021).

Quando perguntados se a Instituição de Ensino Superior em que estão vinculados ofereceu orientações de como montar um plano de estudos durante esse período, 87,9% dos discentes alegam que não, enquanto 12,1% afirmam que sim.

Ao apontarem como ocorreu essa orientação (Figura 3), os respondentes afirmam não receber nenhum tipo de apoio ao formular o roteiro de estudos nesse contexto (83,3%), necessitando pesquisar por conta própria (6,7%) enquanto uma parcela menor aponta que recebeu orientação via vídeos tutoriais (6,7%) ou durante a semana de integração do curso (3,3%).

Figura 3 - Criação do plano de estudos.



Fonte: Própria (2021).

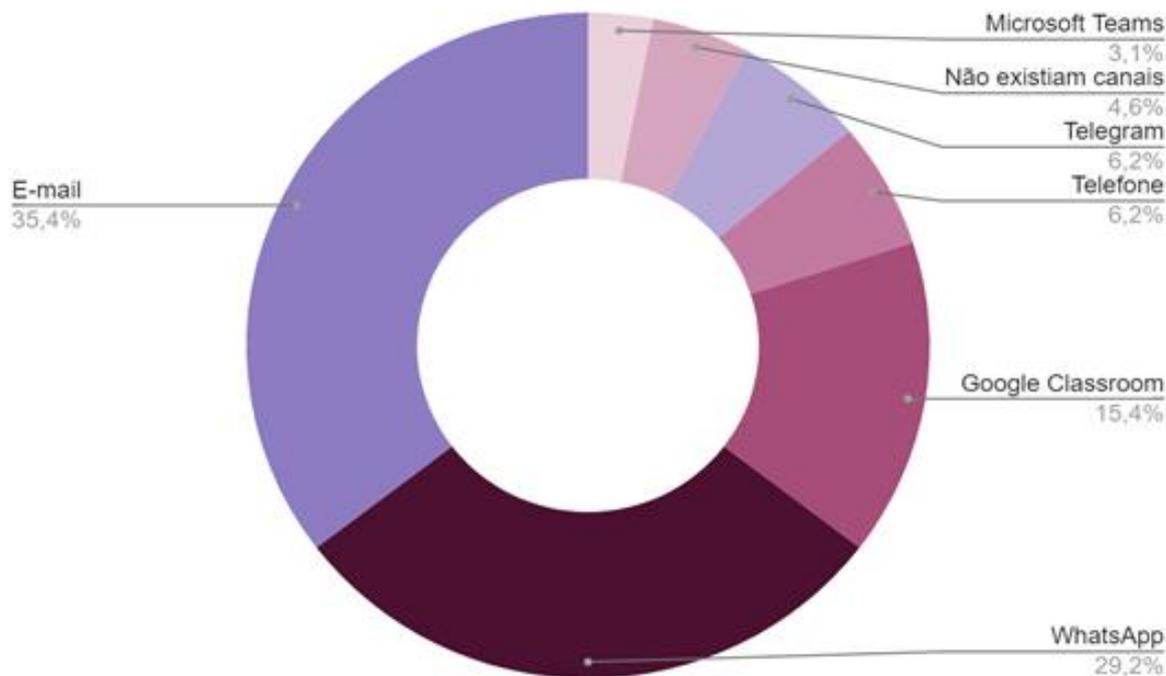
Tal problemática pode ser analisada sob a luz das reflexões de Moreira, Henriques e Barros (2020) que afirmam que, por não existir sala de aula física para que os estudantes possam interagir de forma mais direta com os professores e esclarecer dúvidas sobre o plano de curso e cronograma de execução, é importante disponibilizar aos docentes um Guia Pedagógico Semanal (GPS), local onde o estudante sempre poderá revisar e consultar o calendário planejado. Segundo os autores, "o GPS deve informar os alunos sobre o que se vai aprender, de que forma será feita a aprendizagem, quais serão as estratégias e atividades a desenvolver e qual o produto concreto dessas atividades" (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020, p. 353).

A falta desse guia de apoio pode dificultar o acompanhamento dessa nova rotina e ocasionar dúvidas sobre as possíveis modificações realizadas para o seguimento das aulas nesse novo formato. Manter a transparência do que está sendo feito é essencial para que o estudante possa ter mais autonomia e para que esses consigam priorizar e sequenciar as tarefas e conteúdos a serem trabalhados, além de possibilitar uma divisão de horários mais efetiva (MOREIRA; HENRIQUES E BARROS, 2020).

No que se refere a possíveis canais disponibilizados pela Instituição de Ensino Superior para o esclarecimento de dúvidas ou recebimento de *feedbacks* enviados pelos alunos, 93,9% apontam conhecimento e utilizavam os canais criados pela faculdade/universidade, enquanto 6,1% apontam que não obtiveram conhecimento sobre esses canais de comunicação.

No que se refere aos canais de comunicação, foram apontados pelos alunos o uso de seis plataformas diferentes (Figura 4).

Figura 4 - Canais de comunicação utilizados.



Fonte: Própria (2021).

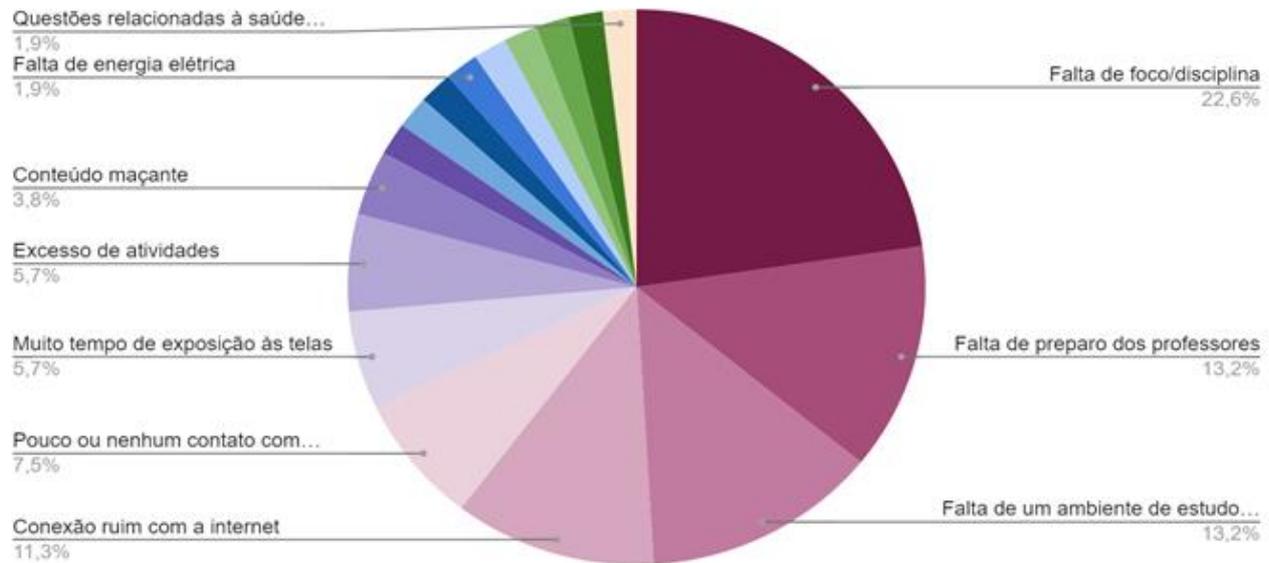
A relevância dos canais de comunicação mencionados ocorre pela necessidade de toda a comunidade acadêmica (professores, alunos, gestores) manter um espaço de trocas. Por se tratar de um contexto novo e imprevisto, o acolhimento desses sujeitos e compartilhamento de experiências podem tornar o processo de adaptação mais fluido.

Além disso, segundo Moreira, Henriques e Barros (2020) criar uma boa estrutura de comunicação é fundamental para gerar uma comunidade virtual de aprendizagem conectada e motivada. Esse ambiente de comunicação deve ser direcionado ao compartilhamento de notícias, avisos, dúvidas e *feedbacks*.

Quando questionados sobre os principais entraves identificados durante o seguimento das atividades remotas (Figura 5), os discentes apontaram como principais fatores a falta de estrutura adequada (29,6%) e falta de apoio/orientações por parte da Instituição de Ensino Superior (23,9%). Além disso, apontaram falta de conhecimento em relação aos recursos digitais utilizados (12,7%), falta de conexão com internet (12,7%), falta de tempo (8,5%), cansaço ou desinteresse, pois as aulas eram à noite (7,0%), período de adaptação com a nova metodologia aplicada (1,4%), falta de compreensão familiar do discente sobre o tempo dedicado ao novo modelo de aprendizagem (1,4%), aula "maçante" (1,4%), falta de flexibilidade por parte dos professores que não disponibilizavam a gravação das aulas para que o aluno pudesse assistir/revisar em outros momentos (1,4%).

No que se refere às limitações estruturais, Santiago, Sousa e Silva (2021) afirmam, com base em um estudo aplicado com 136 discentes da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), que os discentes reforçam a dificuldade em acompanhar as aulas remotas sem aparelhos (*tablets*, celulares ou *notebooks*) de boa qualidade, além de nem sempre terem acesso à internet ou a uma conexão de qualidade. Para os autores, esse cenário reforça uma situação de desigualdades frente a realidades diferentes.

Figura 5 - Entraves identificados pelos estudantes.



Fonte: Própria (2021).

As universidades que abrigam os sujeitos da pesquisa mencionada, UFERSA e UERN, lançaram editais de equipamentos eletrônicos e auxílio à inclusão digital com o objetivo de equiparar esses discentes. Quando questionados sobre esse apoio, 82,4% dos discentes que responderam ao questionário, afirmam não terem recebido nenhuma ajuda de qualquer natureza por parte da sua instituição ou Estado. Cerca de 17% afirmam que foram contemplados com auxílio para compra de equipamento ou dados móveis, e menos de 1% recebeu auxílio da prefeitura ou Estado (SANTIAGO; SOUSA; SILVA, 2021). Compreende-se que o baixo número de respondentes contemplados ocorre pela limitação de recursos direcionados em cada edital, problemática já mencionada no tópico anterior dessa pesquisa.

No que se refere à falta de tempo falta de compreensão familiar do discente sobre o tempo dedicado ao novo modelo de aprendizagem, Santiago, Souza e Silva (2021) apontam que tal fator pode ser atribuído ao envolvimento dos estudantes nas atividades domésticas, necessitando, por vezes, executar atividades particulares e acadêmicas em paralelo.

No que diz respeito ao cansaço, falta de motivação ou desinteresse nesse período, é possível fazer uma conexão com todas as problemáticas mencionadas até o momento: o desinteresse pode partir da falta de transparência da universidade/faculdade sobre o plano de curso, da falta de estrutura física e conexão instável com a internet, da falta de canais de comunicação efetivos, dentre outros fatores, caracterizando-se como um elemento que perpassa a todos os cenários citados. Existe um fator, porém, que pode vir a minimizar a apatia e a rejeição a esse novo formato: o acolhimento psicológico.

Para além de todas as dificuldades vivenciadas nesse período, é importante destacar que a pandemia de COVID-19 ocasionou muitas perdas de entes queridos e impossibilitou a interação social durante um momento doloroso. Nesse sentido, as instituições de Ensino possuem o papel fundamental de demonstrar empatia ao estado de luto e vulnerabilidade de toda a comunidade acadêmica.

Segundo Carvalho e Souza (2021) o nível de sofrimento mental dos estudantes universitários tornou-se ainda mais significativo nesse período, principalmente no que diz respeito a situações de estresse

traumático, sintomas depressivos e ansiedade, intensificados pelo afastamento social, que ainda sim, constitui-se elemento necessário e de extrema eficácia como medida de combate ao vírus, devendo ser cumprido. Segundo os autores "Os níveis de sofrimento mental encontrados em estudantes universitários têm sido bastante significativos, denotando a urgência em desenvolver cuidados em saúde mental e estratégias de políticas públicas para esta população, principalmente no enfrentamento da atual pandemia" (CARVALHO; SOUZA, 2021, p.6).

No que se refere ao último ponto citado, falta de flexibilidade e oferta de aulas "maçantes", pode ser atribuída à falta de um planejamento adequado às demandas emergentes em um contexto de crise sanitária (SANTIAGO; SOUZA E SILVA, 2021). Dessa forma, acredita-se que tal planejamento foi pautado em uma tentativa de transposição das aulas presenciais ao ambiente digital.

Além disso, autores como Lima e Loureiro (2019) já apontavam, mesmo fora de um contexto pandêmico, a necessidade de fortalecer nos cursos de formação docente, saberes relacionados à aplicação prática das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) na construção das práticas pedagógicas, buscando distanciar-se de formatos "tradicionais" de cursos de Licenciatura que promovem debates ainda escassos sobre o uso das TDICs em contexto escolar/acadêmico, trazendo propostas que, por vezes, ficam presas no campo teórico.

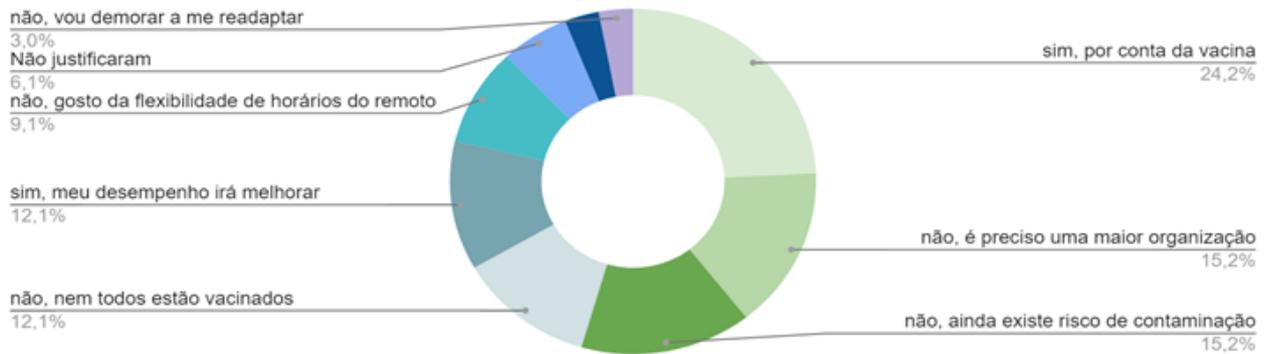
Tais fatores, quando combinados, impossibilitam práticas pedagógicas flexíveis, que promovam o protagonismo discente e que possam ser atrativas aos estudantes, não por ausência de esforços do corpo docente, que, segundo Santiago, Souza e Silva (2021, p. 4) agora " não está responsável apenas por preparar e aplicar suas aulas junto aos seus alunos, com toda essa situação emergencial, também ficou sobre sua responsabilidade todo o preparo e manutenção de sua aula, como gravar, editar, remixar, gerenciar e disponibilizar as vídeo-aulas", mas da necessidade de planejar aulas, obter novos conhecimentos sobre as TDICs e executar aulas em um curto espaço de tempo.

É relevante destacar que, assim como os docentes possuem pouca familiaridade com o uso das TDICs em suas práticas pedagógicas, notou-se um movimento semelhante ao analisar o uso desses recursos pelos discentes no planejamento e execução do cronograma de estudos.

Segundo Valente (2014), a internet pode se constituir como um ambiente rico em informações relevantes e que estimule a exploração e aprofundamento de inúmeros assuntos, mas se o aprendiz não tem um objetivo nessa busca, seja conhecer mais um assunto ou buscar insumos para a elaboração de um plano de estudos, por exemplo, a internet será apenas um canal que irá mantê-lo ocupado por um vasto período de tempo, trazendo uma experiência vazia de significados. De acordo com o autor mencionado, "se a informação obtida não é posta em uso, se ela não é trabalhada pelo professor, não há nenhuma maneira de estarmos seguros de que o aluno compreendeu o que está fazendo. Nesse caso, cabe ao educador suprir tais situações para que a construção do conhecimento ocorra" (VALENTE, 2014, p. 145).

Ao serem questionados sobre o conforto em pensar no retorno às atividades presenciais (Figura 6), 24,2% acreditam ser possível porque já foram vacinados. No entanto, 30,4% acreditam não ser possível, ou pela necessidade de maior organização (15,2%) ou porque ainda existe o risco de contaminação (15,2%).

Figura 6 - Possibilidade de retomar o presencial.



Fonte: Própria (2021)

Além disso, foi possível notar ainda estudantes que preferem seguir com as atividades remotas devido a alguns elementos positivos neste novo formato. Segundo Santiago, Souza e Silva (2021, p.7):

Podemos atribuir esse interesse (...) ao fato de que os discentes julgam vantajosos alguns pontos fornecidos pela EaD como: aulas gravadas, o que torna flexível o horário de estudo dos alunos e a não necessidade de deslocamento de suas residências até as instituições de ensino, já que no ensino superior, boa parte dos discentes vêm de cidades vizinhas. Esses pontos contribuem na avaliação do ensino remoto na vida dos discentes, o que justifica uma avaliação positiva por parte deles.

No presente estudo, 26,3% dos discentes apontam a ausência de pontos positivos nessa dinâmica. Em contrapartida, estudantes apontam como elementos favoráveis: maior flexibilidade de horários (21,1%), não deslocamento (15,8%), a possibilidade de assistir novamente as aulas gravadas (10,5%), maior facilidade ao concluir os estágios (2,6%), novas formas de avaliação (2,6%), maior acessibilidade (2,6%), facilidade em conciliar o trabalho e a faculdade (2,6%), horário reduzido de aulas (2,6%), aproximação com a família (2,6%), desaceleração da rotina (2,6%), possibilidade de cursar disciplinas com choque de horário (2,6%), menos exposição à violência urbana (2,6%) e acesso à alimentação, pois dependendo do *campus*, há blocos que ficam muito afastados e que não possuem cantina (2,6%).

Quando indagados sobre a possibilidade de cursar todas as disciplinas planejadas para o período, 54,5% dos respondentes apontam que conseguiram concluir, totalizando a carga horária prevista enquanto 45,5% sinalizam que não foi possível.

Sobre o índice de reprovação, 87,9% dos sujeitos da pesquisa apontam aprovação em todas as disciplinas cursadas de forma remota, enquanto 12,1% sinalizam reprovação em um ou mais dos componentes curriculares cursados. No que se refere à dinâmica das disciplinas, 78,8% foram ofertadas de forma síncrona e assíncrona, 15,2% apenas de forma síncrona e 6,1% apenas de forma assíncrona.

Os sujeitos da pesquisa foram questionados também se possuíam algum colega que precisou trancar ou abandonar o curso durante esse período. No universo da pesquisa, 66,7% sinalizam que sim, enquanto 33,3% indicam que não.

Segundo pesquisa realizada por Nunes (2021) com estudantes universitários, existe uma enorme preocupação com a evasão acadêmica, considerada alta mesmo fora de um contexto pandêmico. A pesquisadora aponta que apesar de ser um fenômeno de extrema complexidade, investigar os motivos de evasão é essencial para traçar medidas efetivas para atacar a raiz da problemática. Seus

estudos comprovam que mesmo os estudantes que não evadiram sentiram impactos negativos como ansiedade, falta de motivação e estresse, já mencionados acima, além de sentirem seu desempenho cair significativamente.

No que se refere ao desfrute de políticas públicas de apoio a atividades remotas, 93,9% dos sujeitos da pesquisa indicam o não recebimento, enquanto 6,1% apontam a utilização do auxílio digital fornecido pela própria faculdade/universidade.

Esse ponto pode ser analisado sob as reflexões de Cunha, Teixeira e Pimentel (2022) que apontam que, a assistência social estudantil e políticas públicas de permanência, assumem um papel de não apenas cuidar da oferta de auxílios financeiros, que são recebidos por uma minoria dos sujeitos participantes da pesquisa, mas auxiliar nos desafios encontrados em um contexto pandêmico, de distanciamento social, luto, crise financeira e transformações, ainda que temporárias, na condução das aulas. Notar a escassez desses recursos é, sem dúvidas, um grande ponto de reflexão e atenção para o futuro. É necessário pensar como reverter tais prejuízos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho que apresentou como objetivo descrever as principais dificuldades identificadas por estudantes do Ensino Superior de instituições públicas e privadas de Fortaleza - Ceará durante o período de atividades remotas, apresentou o ponto de vista sobre os discentes a respeito dos possíveis "prejuízos" e vantagens identificadas nesse novo modelo de aprendizagem, ainda que temporário.

Foi possível notar que a escassez de recursos, de orientação pedagógica por parte da instituição de ensino, fatores psicológicos e a limitação ou escassez de recursos financeiros de apoio à permanência estudantil, além de outros fatores, afetaram significativamente o processo de aprendizagem durante esse período.

Foi possível notar ainda que não somente os estudantes sofrem com essa lacuna, mas também o docente que precisou adaptar-se rapidamente a um novo contexto para incluir seu planejamento de curso ao contexto virtual, o que causou uma sobrecarga de trabalho, e, por vezes, ainda resultou em aulas predominantemente expositivas, denominadas pelos estudantes como "maçantes".

Apesar de inúmeros entraves, existe uma parcela do público, ainda que minoritária, que defende a permanência das atividades acadêmicas remotas, seja pelo medo da contaminação ou receio em não conseguir (re)adequar suas rotinas para o retorno presencial.

As limitações da pesquisa podem ser atribuídas pelo número de respondentes. Por conta do restrito tempo dos estudantes durante esse período, focados em superar as inúmeras barreiras identificadas na rotina de aulas remotas, e até mesmo por conta da saturação no uso de TDICs, apenas parte do público convidado a preencher o formulário de coleta de dados conseguiu dedicar parte do seu dia a essa atividade.

A continuidade do estudo se dará a partir da expansão do número de respondentes nos semestres subsequentes, de acordo com a possível demanda de oferta de atividades remotas.

7. REFERÊNCIAS

- BRASIL. **LEI Nº 14.040, DE 18 DE AGOSTO DE 2020a**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Lei/L14040.htm. Acesso em: out. 2021.
- BRASIL. **PROJETO DE LEI Nº 3466, DE 2020b**. Cria o Programa Bolsa Internet, destinado à subvenção econômica nos serviços de conexão à internet. Brasília, DF: Senado. Disponível em: Acesso em: nov. 2021.
- CARVALHO, A. F. M. de.; SOUSA, G. G. de. The psychological effects of social distancing caused by the new Coronavirus in university students. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. e9710817245, 2021.
- CUNHA, M. S.; TEIXEIRA, D. de L.; PIMENTEL, Álamo; AQUINO, F. J. A. de . Políticas de Assistência Estudantil, no Contexto da Pandemia da Covid-19, para Permanência Discente. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, Brasil, v. 8, n. jan./dez., p. e187722, 2022.
- FREITAS, H.; OLIVEIRA, M.; SACCOL, A. Z.; MOSCAROLA, J. O método de pesquisa survey. **RAUSP Management Journal**, v. 35, n. 3, p. 105-112, 2000
- GUNDIM, V. A.; ENCARNAÇÃO, J. P.; SANTOS, F. C.; SANTOS, J. E.; VASCONCELLOS, E. A.; SOUZA, R. C. Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de COVID-19. **Revista Baiana De Enfermagem**; 35, 2021, p. 1-14.
- JOYE, C. R.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D. Distance Education or Emergency Remote Educational Activity: in search of the missing link of school education in times of COVID-19. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 9, n. 7, p. e521974299, 2020.
- LEVIN, J.; FOX, J. A.; FORDE, D. R. **Estatística para Ciências Humanas**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.
- LIMA, L.; LOUREIRO, R. C. **Tecnodocência: Concepções Teóricas**. Fortaleza: Edições UFC, 2019.
- MINISTÉRIO DA CIDADANIA. **Tire suas dúvidas em 36 perguntas e respostas sobre o Auxílio Emergencial 2021**. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/tire-suas-duvidas-em-30-perguntas-e-respostas-sobre-o-auxilio-emergencial>. Acesso em:nov.2021.
- MOREIRA, J. A., HENRIQUES, S., BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, 34, 351-364, 2020.
- NUNES, R. C. An overview of the evasion of university students during remote studies caused by COVID-19 pandemic. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. e1410313022, 2021.
- OSTI, A. JUNIOR, J. A. F. P.; ALMEIDA, L.S. O comprometimento acadêmico no contexto da pandemia da Covid-19 em estudantes brasileiros do Ensino Superior. **Revista Prâxis**, 3, 2021, p.275-292.
- PEREIRA, G.; FRAGA, N.; GOUVEIA, F. Ensino remoto de emergência em tempos de pandemia da covid-19: que aprendizagens? Um estudo exploratório no ensino superior. **Revista Portuguesa de Investigação Educacional**, n. 21, p. 1-22, 28 out. 2021.

RIBEIRO, R.M.; LORÊDO, Mateus Barros; PIAU, D.B.; ARAÚJO, L.P.M. **Políticas públicas como forma de minimizar a desigualdade digital evidenciada pela pandemia.** Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69312>. Acesso em: nov. 2021.

SANTIAGO, D.S.; SOUSA, L. L. L; SILVA, J.C. **As dificuldades do ensino remoto no ensino superior.** 2021. 9p. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro de Ciências Exatas e Naturais - CCEN. Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Rio Grande do Norte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/6522>. Acesso em: nov. 2021.

VALENTE, J.A. A Comunicação e a Educação baseada no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. **Revista UNIFESO – Humanas e Sociais**, v.1, n. 1, 2014, pp. 141-166.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Assistência estudantil:** edital de inclusão digital prevê auxílio financeiro para 1.800 alunos comprarem computador ou tablet. Disponível em: <https://www.ufc.br/noticias/14877-edital-de-inclusao-digital-preve-auxilio-para-1-800-alunos-comprarem-computador-ou-tablet>. Acesso em nov. 2021.

Submissão: 19/02/2022

Aceito: 30/03/2022